

OS QUE FICARAM PELO CAMINHO

Ailton de Freitas/13-3-1998



SÉRGIO MOTTA
• O primeiro grande golpe: em 19 de abril de 1998, Fernando Henrique perde seu amigo Sérgio Motta, ministro das Comunicações, a seu lado desde 78, na campanha para o Senado

Gustavo Miranda/27-1-1997



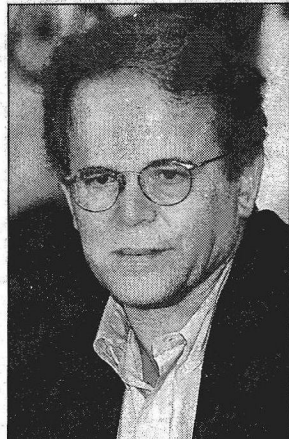
LUÍS EDUARDO MAGALHÃES
• O segundo grande golpe: exatamente dois dias depois de Motta, em 21 de abril de 1998, morre Luís Eduardo Magalhães, o líder das reformas na presidência da Câmara

Gustavo Miranda/5-4-2001



EDUARDO JORGE
• Secretário-geral da Presidência no primeiro mandato, coordenou a reeleição mas não voltou ao cargo no segundo por causa de denúncias de corrupção nunca provadas

Givaldo Barbosa/14-5-1999



MENDONÇA DE BARROS
• Substituto de Sérgio Motta no Ministério das Comunicações, teve que deixar o cargo após a revelação de escutas telefônicas sobre possíveis favorecimentos na privatização das telefônicas

Evilázio Bezerra/3-9-1999



CLÓVIS CARVALHO
• Em 3 de setembro de 1999, Fernando Henrique demitiu o ministro do Desenvolvimento, Clóvis Carvalho, colaborador desde a Casa Civil, por ter criticado Pedro Malan

VILMAR FARIA

• O terceiro grande golpe: em 28 de novembro de 2001 morre Vilmar Faria, amigo e assessor direto de Fernando Henrique, de hemorragia causada por um aneurisma na aorta

2000

Givaldo Barbosa/07-02-00



FOLCLORE

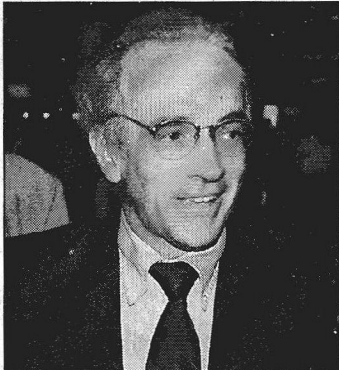
• Fernando Henrique dança com duas integrantes do grupo Garantido ao assistir à tradicional festa do Boi-Bumbá na cidade de Parintins, na margem oeste do Rio Amazonas

Ricardo Leoni/4-5-1998



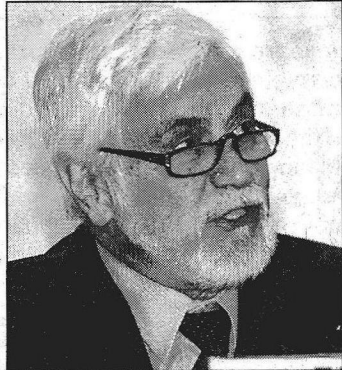
PÊRSIO ARIDA

Ailton de Freitas/16-11-1998



ANDRÉ LARA RESENDE

Marco Antônio Teixeira/13-9-2002



EDMAR BACHA

Sérgio Tomisaki/20-5-1999



GUSTAVO FRANCO

Cristina Alves

• O mais duradouro programa de estabilização econômica implantado no Brasil após o fim do regime militar começou a ser arquitetado em setembro de 1993. Naquele mês, os economistas Pêrsio Arida e André Lara Resende passavam a integrar a equipe encarregada de traçar o plano que deveria derrubar a inflação de 35% ao mês. Amigos de longa data, vinham da PUC do Rio e haviam concebido, dez anos antes, o Plano Larida, que serviu de base para o Plano Cruzado, no governo Sarney.

O primeiro esboço do que viria a se transformar no Plano Real ficou pronto cerca de dois meses depois. André Lara Resende, defensor do regime de câmbio fixo, queria um sistema em que duas moedas — uma boa e outra ruim — conviveriam por certo tempo até que a ruim desaparecesse. O passo seguinte seria a dolarização da economia, à la Argentina. Arida discordava e acabou vencendo as discussões teóricas naquele momento. Foi criada a URV, a Unidade Real de Valor, que serviria de âncora para o plano. Todos os preços e salários deveriam ser, por certo tempo, fixados em URVs. Derrotado no processo de elaboração da URV, André Lara Resende deixava o governo em novembro daquele ano para fundar, em sociedade com Luiz Carlos Mendonça de Barros, o Banco Matrix.

Ao lado de Pedro Malan, Edmar Bacha, Winston Fritsch e Gustavo Franco, Arida deu continuidade à formulação do plano. Depois de muita polêmica, a URV, que acabou adotada em março de 94, seria

corrigida pela média de três índices de inflação — IGPM, IPCA e IPC da Fipe. Ela serviria para reajustar todos os preços e contratos até que a nova moeda — o real — fosse implantada, em 1º de julho.

Para que o plano fosse bem-sucedido, nesses três meses o brasileiro precisava se acostumar com o valor de mercadorias e serviços em moeda forte. Fazia tempo que não nos lembrávamos mais do valor justo a pagar por cada produto. A inflação de 2.480% ao ano corroía o dinheiro no bolso e apagava o que os economistas chamam pomposamente de noção de preços relativos. A URV deveria cumprir esse papel.

Foi assim que, em 1º de julho, os brasileiros, calculadoras em punho, converteram suas economias por 2.750 cruzeiros reais, a última cotação da URV. Contrariando os prognósticos mais pessimistas, trocou-se toda a moeda em circulação, quase da noite para o dia, por reais (uma URV era igual a um real).

A inflação caiu drasticamente: de 47% para 6% ao mês. Domado o dragão da inflação, os pais do Real se dividiram. Exceção, Pedro Malan mantém-se, desde 1995, no Ministério da Fazenda. Outros saíram e voltaram. Foi o caso de André Lara Resende, que, em abril de 1998, voltava ao governo como presidente do BNDES, substituindo Mendonça de Barros, nomeado para o Ministério das Comunicações, que ficara vago com a morte de Sérgio Motta. Três meses depois, no BNDES, André Lara comandava o processo de venda das companhias telefônicas. Acabou ceifado do cargo, em 1999, justamente no episódio do grampo telefônico que revelou bastidores daquela que era a maior privatização já feita no país.

Nesses anos, André Lara continua fazendo algumas das coisas de que mais gosta: correr, dar aulas, ganhar dinheiro. Em janeiro deste 2002, venceu com o amigo Raul Boesel a 30ª Mil Milhas Brasileiras de Interlagos. Vendeu o Matrix em julho passado. Em setembro, embarcou para Oxford, onde leciona. Em outubro, tornou-se membro do Conselho de Administração da Gerdau. E continua muito próximo de Pêrsio Arida, embora ainda mantenha divergências conceituais com o amigo sobre política cambial.

Pêrsio Arida desembarcou do governo

Onde estão os pais do Real

Economistas que elaboraram o programa hoje atuam, em sua maioria, na iniciativa privada

em junho de 1995 para nunca mais voltar. Saiu magoado com denúncias — nunca comprovadas — de que teria deixado vaziar informações sobre a mudança do regime cambial. Isso porque passara um feriado prolongado na casa do amigo Fernão Bracher, um dos Bs do BBA — o A é de Arida e o outro B de Antonio Beltran Martinez. Poucos dias depois, o país adotaria um sistema de bandas cambiais.

Arida se impôs uma quarentena de seis meses. Em 96, tornou-se sócio de Daniel Dantas no Opportunity, empresa administradora de recursos de terceiros. Criou o CVC Opportunity, fundo de investimento constituído em setembro de 1997 com uma bolada de US\$ 600 milhões do Citicorp obtida, aliás, graças aos bons contatos de Arida. O fundo teve papel ativo na privatização das teles. Em 1999, também por causa do episódio do grampo, Arida deixava o Opportunity. Ele era um dos principais interlocutores de André Lara nas conversas gravadas. Desde 2000, tem integrado conselhos de empresas como a ComDominio, especializada em soluções de novas tecnologias; do Banco Itaú; da Fundação Padre Anchieta e da Orquestra Sinfônica Paulista.

Derrotados por Gustavo Franco no processo de administração da política cambial — Arida era favorável à livre flutuação da moeda e André Lara queria um modelo fixo — os dois têm evitado comentários sobre os rumos do Real. Recentemente, Arida defendeu em artigo que o real deveria transformar-se numa moeda plenamente conversível, sem qualquer amarra imposta pelo Banco Central.

Fritsch e Bacha estão em bancos privados

• Gustavo Franco integrava a equipe econômica desde maio de 93 como secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda. Passou pela diretoria da Área Internacional do Banco Central, foi o encarregado de manobrar a taxa de câmbio por seis anos — deixou, meses a fio, o real valendo mais do que um dólar — e chegou à presidência do BC em agosto de 1997. Sofreu ataques de várias frentes pelo modelo que defendia. Só saiu em janeiro de 1999, quando Fernando Henrique anunciou que mudaria o regime e estava disposto a entregar o comando do BC a Francisco Lopes. Deu aulas na PUC por alguns meses mas desde janeiro de 2000 dedica-se à Rio Bravo, empresa que constituiu com outros sócios e hoje administra R\$ 700 milhões de terceiros.

Edmar Bacha, conselheiro de primeira hora de Fernando Henrique, era chamado de "senador" pelos colegas graças ao seu conhecimento dos meandros constitucionais, fundamentais para o êxito do plano. Deixou o governo em 1995, após presidir o BNDES. Abandonou a carreira acadêmica de 14 anos na PUC do Rio e foi trabalhar no Banco BBA. Quando o banco foi vendido para o Itaú, mês passado, Bacha era sócio da holding e ficou com 4% do capital total do novo banco, o BBA-Itaú. Winston Fritsch preside o Dresdner Bank Brasil. ■

COLABOROU Ronaldo D'Ercole

Ailton de Freitas/22-04-00



DESCOBRIMENTO

• Nas comemorações dos 500 anos, Fernando Henrique planta uma muda de pau-brasil na presença do presidente de Portugal, Jorge Sampaio (entre dois atores caracterizados)

AP/02-06-00



DIPLOMACIA PRESIDENCIAL

• O presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, apóia-se nos ombros de Fernando Henrique durante reunião dos chefes de Estado e de governo da chamada Terceira Via

Roberto Stuckert Filho/27-11-00



NA MODA

• O presidente Fernando Henrique Cardoso recebe no Palácio da Alvorada a modelo brasileira Gisele Bündchen durante encontro com empresários e estilistas de moda